

Tecnologia digital e o habitar conectivo

Eligelson Lima Barroso¹

Resumo: O conceito de habitar, retirado das conferências de Martin Heidegger (1889-1976) na maturidade, estabelece uma relação muito própria com o *ser-ai* heideggeriano. A questão do ser permeou o centro da filosofia do autor na obra *Ser e Tempo*. O Heidegger da maturidade traça novos caminhos para a sua antropologia. Não se trata mais do ente que se pergunta pelo ser, mas é o próprio ser que se concebe como ente que ora se revela e ora se oculta. O novo habitar conectivo, a partir da perspectiva heideggeriana, é fruto das atuais estruturas dos ambientes de rede que formam o habitar como um lugar dinâmico, interativo, conectivo e reunidor. Pois ele se constitui a partir da identidade, ou seja, quando pensamos o habitar de alguma forma já estamos habitando, e assim estão impressas em nosso interior as formas do verdadeiro habitar, que uma vez externalizadas organizam-se nos ambientes em que vivemos.

Palavras-Chave: Habitar. Quadratura. Redes digitais. Igreja. Cultura do encontro. Heidegger

INTRODUÇÃO

O habitar relaciona-se diretamente com um construir que está originalmente ligado ao produzir. A partir de sua evolução, o homem aprendeu a observar o ambiente que o cercava e assim perceber a necessidade de construir lugares para a proteção da chuva, do frio e do perigo externo. A relação entre homem, ambiente e técnica procede de um habitar que é formado pelas interações e percepções desse homem que deixa de ser um errante e passa a fixar-se em lugares construídos com base nas suas necessidades.

O termo habitar, a partir da filosofia, é refletido com base em diferentes compreensões, entre essas está a perspectiva heideggeriana que apreende o sentido de habitar relacionando-o com o próprio ser-no-mundo. A questão do ser, na filosofia de Heidegger, perpassa todo o itinerário ontológico, metafísico e epistemológico. Pensar o ser é pensá-lo por meio de sua essência em uma relação com o mundo. Tendo como premissas essas características próprias do pensamento heideggeriano, o conceito de habitar inclui-se nessa dinâmica de refletir a respeito de um ser que habita determinado lugar, sendo ele mesmo a própria essência que constrói e dá sentido ao habitar.

Mas o que seria o habitar? Habitar, nesse sentido, assume um significado de residir e construir um lugar de permanência. O homem consegue habitar diferentes lugares sem necessariamente residir nesses locais (HEIDEGGER, 2018). Há uma diferença entre residir em um local e morar em outro, dirá Heidegger. No entanto, essa dinâmica passa pela primeira acepção da noção de habitar, ou seja, o construir a habitação. Existem construções que não são habitações, mas o homem também as habita. “[...] Habitar seria, em todo caso, o fim que

1 Graduação em Filosofia pela Faculdade Paulus de comunicação (FAPCOM), graduando em Teologia pela FAJE. Editor da Revista de Catequese *Ecoando* e Redator do folheto litúrgico *O Domingo - Missa com crianças*, da Editora Paulus. E-mail: eligelson@paulus.com.br

se impõe a todo construir. Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.126). Porém, o termo, na concepção heideggeriana, assume outro valor sem desconsiderar a referência mais usual. O que Heidegger pretende é mostrar que o habitar, que tem por finalidade o construir para residir, vai muito além do que simplesmente considerá-los meios e fins. “[...] Construir não é, em sentido próprio, apenas meio para uma habitação. Construir já é em si, habitar. [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.126). Ao fazer a distinção entre o construir e a habitação, o filósofo alemão pretende dizer que ambos, de algum modo, estão contidos em algo ainda maior.

1 A CONSTITUIÇÃO DO HABITAR E A RELAÇÃO COM O *ICH BIN*

O habitar, como resultado de um aspecto essencial do ser, é evidenciado por Heidegger em sua busca pela origem etimológica da palavra. Referindo-se ao habitar, ele observou que a ele estava intrinsecamente ligado o construir². Por isso, a importância de apresentar o que é esse construir que faz parte desse habitar. “O que diz então construir? A palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, ‘*buan*’, significa habitar. Diz: permanecer, morar. [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.126). Com isso, Heidegger chega à compreensão de que o construir é um habitar e não só um simples habitar como moradia, mas um habitar que se liga à essência do “eu sou” (*ich bin*). “[...] Construir significa originariamente habitar. Quando a palavra *bauen*, construir, ainda fala de maneira originária diz, simultaneamente, que amplitude alcança o vigor essencial do habitar. [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.127). Em relação ao que a própria palavra fornece, a essência desse “eu sou” consegue construir o habitar num movimento de dentro para fora, ou seja, quando o homem constrói ou pensa o construir já está habitando.

Nesse sentido, a constituição do habitar heideggeriano passa pela constituição do *ich bin*, pois o homem traz em sua própria identidade, de ser lançado no mundo (*Dasein*), o próprio habitar que vai se materializando no lugar, que esse homem escolhe para fixar-se, pela ação do habitando, isto é, uma certa capacidade de imprimir no lugar ou na coisa a sua própria marca. “Não há mundo sem *Dasein*, não há *Dasein* sem mundo. Lançado no mundo todo, o *Dasein* é. [...]” (FRAGOZO, 2012, p.513). A partir dessa perceptiva que insere o ser como aquele que já traz o sentido e a forma do habitar, em si, reforça-se a concepção heideggeriana do “eu sou” que não deixa de estar vinculado com a significação da linguagem e, ao mesmo tempo, com o sentido da presença do ser no mundo.

No entanto, a afirmação do *Dasein* coloca-se a título de exemplificação de um “eu sou” que é e, portanto, está no mundo, porém, faz-se importante ressaltar que “[...] na fase do segundo Heidegger, [...] o que se prioriza não é mais o *Dasein* como ente que questiona o sentido do ser, [...], mas é o Ser mesmo que [...] se revela e se esconde ao mesmo tempo, nos entes [...]” (BATISTA, 2007, p.2). Dessa forma, no segundo Heidegger, ocorre uma certa mudança no modo de organizar e ordenar o seu pensamento.

2 Este texto faz parte do trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Filosofia: *Técnica e instrumentalidade na comunicação digital católica: uma reflexão Heideggeriana*. Realizado pela Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM) em 2019.

1.1 AS ACEPÇÕES DO TERMO CONSTRUIR NA FORMAÇÃO DO HABITAR

O ser humano é capaz de constituir o próprio habitar e sobre esse repousa a sua essência. O modo como sou é também o modo como estou habitando, afirma o filósofo alemão ao mencionar: “[...] A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar. [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.127). No que diz respeito ao construir, que é a base do habitar, Heidegger distingue duas acepções para a mesma palavra.

Existe um construir, segundo o filósofo, com a função do cultivo, da preservação e do cuidado. “[...] A palavra *bauen* (construir), porém, significa ao mesmo tempo: proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha. [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.127). Esse construir, no sentido de cultivar, vem do latim *colere*, ou seja, cultura. A segunda acepção da palavra construir vem do sentido de edificação, *aedificare*, isto é, capacidade de construir coisas que necessitam de uma certa produção. “[...] A construção de navios, a construção de um templo produz, ao contrário, de certo modo sua obra. Em oposição ao cultivo, construir diz edificar. [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.127). As duas acepções estão igualmente corretas, dirá Heidegger, porque pertencem ao mesmo habitar.

Desse modo, o construir passa a estar estreitamente ligado ao construir desse habitar. A construção pode se dar por um cultivo que resguarda o que existe e se produz por si ou na edificação de lugares que possibilitam ao homem sua capacidade de se constituir num ser que habita. Heidegger, dessa maneira, consegue conceitualmente reunir duas concepções que são normalmente pensadas como um meio para conseguir um determinado fim. “[...] Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chagamos a construir à medida em que habitamos, ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.128). O habitar só é possível porque o homem imprime sua identidade no lugar a partir da essência do “eu sou” e com isso o construir se define como aquele que permite que o ser construa o seu habitar essencial na coisa mesma.

1.2 A QUADRATURA HEIDEGGERIANA: A DINÂMICA DE INTEGRAÇÃO DO HABITAR

O ser no conceito de habitar liga-se ao termo habitando que implica em um permanecer que se estende. Em relação a isso, Heidegger apresenta o segundo conceito importante para a compreensão do habitar que é a constituição da quadratura. Ela, segundo o filósofo, propõe a reunião integradora de terra, céus, divinos e mortais. A proposta da quadratura é justamente aproximar e integrar realidades diversas, mas que estão juntas e, de certo modo, encontram sentido no habitando. “Chamamos de quadratura essa simplicidade. Em habitando, os mortais são a quadratura. [...] Os mortais habitam resguardando a quadratura em sua essência. [...]” (HEIDEGGER, 2018, p.130). Dessa forma, a proposta da quadratura heideggeriana é sempre buscar reunir e integrar terra, céus, divinos e mortais.

E assim constituem-se em elementos distintos, mas que podem se integrar pelas estruturas edificadas por um construir que em si mesmo é o próprio habitar. Por conseguinte,

a segunda acepção do construir edifica a coisa/objeto que, segundo Heidegger, não se trata simplesmente de um objeto que possui uma função comum como outros objetos, mas sim numa coisa que a partir de sua edificação/construção é capaz de reunir e integrar elementos que não estariam associados se não houvesse uma estrutura que funcionasse como a coisa integradora, ou seja, a coisa que abriga a quadratura.

O exercício de reunião integradora da quadratura também está na coisa. O conceito de coisa, para Heidegger, faz parte dessa dinâmica de integração, ou seja, uma realidade que ultrapassa o objeto que se intitula por coisa, pois ela tem a capacidade de recolher, reunir as diferenças na coisificação. A coisa como objeto deixa de lado sua realidade puramente instrumental para se juntar à quadratura. Pois é na quadratura que a coisa reúne terra, céus, divinos e mortais. A integração, nesse sentido, passa pela existência da coisa. Heidegger, exemplificando melhor essa interação, menciona o exemplo da ponte sobre o rio: “[...] A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. [...]” (HEIDEGGER, 2018, p. 131). Nesse exemplo, o filósofo busca enfatizar a função da ponte como coisa que é a capacidade de reunir o que até então são extremidades. A coisa, em si mesma, pode ser compreendida, dentro da dinâmica do construir, como edificar, uma passagem ou até mesmo um canal com a função de unir, extremidades e reunir o que está aparentemente disperso.

Além disso, outro elemento importante que se integra na quadratura e possui uma relação com a “coisa” é a dimensão do sagrado que no *Geviert* está representado pelos divinos. “[...] A sacralidade, ao invés de ter sua fonte numa transcendência apartada e bem distante do mundo, dá-se na intimidade mesma da fenomenalidade em que se expressa o mundo por meio da ‘coisa.’ [...]” (BATISTA, 2007, p.1). Assim sendo, o sagrado para o *Geviert* heideggeriano acompanha seu movimento de integração e, assim, não está numa dimensão transcendente, mas se expressa no mundo por meio da materialidade da coisa. Heidegger compreende que o sagrado não está na transcendência como representado na tradição judaico-cristã porque ele se integra na simplicidade da quadratura e, assim, pode constituir uma presença no mundo dos entes porque está acontecendo como coisa. “[...] O sagrado, que não se dá em uma dimensão transcendente e atemporal, tem como horizonte ‘quatro’ elementos: a terra, o céu, os mortais e os imortais (deuses). [...]” (BATISTA, 2007, p.2). Ou seja, o sagrado se coisifica na realidade da quadratura.

Todos os pressupostos elencados fazem parte de uma estrutura conceitual que caracteriza o próprio habitar. Nele todas as realidades distintas se integram pelo movimento da reunião dos quatro elementos. Eles se determinam na unidade e na objetividade da “coisa” cuja função é abrigar esse movimento integrador. No entanto, quando se fala explicitamente do conceito de coisa, como mencionado anteriormente, na visão heideggeriana, constitui-se em um objeto para além de sua simples função objetiva. Heidegger especifica que só é possível compreender a coisa, em si mesma, pela linguagem poética, pois a racionalidade, a cientificidade, não conseguem *des-abrigar* esse objeto para além da sua realidade material. Contudo,

é a própria coisa em sua realidade objetiva e, por que não dizer, concreta, que permite ao sagrado/deuses integrar a quadratura.

Assim, por fazer parte de uma dimensão integradora, o sagrado se manifesta não necessariamente num espaço como um templo, mas aonde o próprio homem habita. Nesse sentido, retoma-se o conceito de habitar, segundo o *ich bin*, o “eu sou”, presente no interior do homem, que uma vez externalizado constrói o habitar. No entanto, esse habitar não se constitui, especificamente, no construir, mas o homem já o traz em seu ser, em seu *ich bin*. “[...] Para alcançar o sagrado, o homem não tem que erigir para si nenhum templo, mesquita ou igreja, pois ele se dá lá onde o homem habita ‘mora’, isto é, [...] no seu modo de existir no mundo. [...]” (BATISTA, 2007, p.2). O sagrado, para Heidegger, não está ligado à transcendência divina, mas ao modo como ele se torna presente como ente na coisa. E assim, coisificado, é capaz de reunir-se junto aos quatro modos que constituem o *Geviert*. “[...] Cada uma das instâncias dessa quadruplicidade é inextricavelmente conectada com todas as outras em uma mútua pertença, já que cada uma das quatro não pode ser pensada sem a outra. [...]” (TEIXEIRA, 2006, p.78). Nesse sentido, tanto a dimensão do sagrado, que em Heidegger constitui os divinos, quanto os demais elementos que formam a quadratura com sua simplicidade, todos só podem ser compreendidos, diante dessa relação de conjunto que forma a quadratura.

2 A NOVA COMPREENSÃO DAS REDES: O HABITAR CONECTIVO

Heidegger propõe uma reflexão que marca o habitar, representado a partir das formas do construir e alicerçado sobre a quadratura, como um importante modo de integração que se realiza na reunião do ser com o mundo. Essa perspectiva heideggeriana pode ser manifestada acerca da concepção contemporânea das relações conectivas das redes (internet). Isto é, a questão da rede conectiva como o novo habitar. Vários autores têm estudado isso, como Massimo Di Felice e Pierre Levy.

2.1 A CONDIÇÃO HABITATIVA DAS REDES DIGITAIS

A condição habitativa da rede é uma das reflexões de Massimo Di Felice quando se propõe a discorrer sobre o ambiente das redes como formas de ecologias transorgânicas. Para ele “[...] A emergência de tal mudança tem origem em uma importante e qualitativa alteração ecológica, desencadeada pelo advento das recentes formas comunicativas de conexão [...]” (DI FELICE, 2017, p.223). O desenvolvimento das redes de comunicação, bem como a própria internet, e a constituição de ambientes digitais proporcionam uma expansão das realidades exteriores e interiores. Essa nova realidade conectiva integra-se à dimensão ecológica que agrega as interações dos seres vivos, espaços, culturas e tecnologias.

O aparato da rede proporciona uma melhor interação com o ambiente externo, referenciado por estruturas conectivas. “[...] formas artificiais de inteligência [...] começaram [...] a colocar em rede a biodiversidade, os territórios [...] inaugurando inédita condição habitativa conectiva [...]” (DI FELICE, 2017, p.223). A dimensão que as redes de conexões alcançaram,

proporcionaram uma reunião de todos os elementos presentes no mundo. Nada está fora do alcance dessas estruturas, pois elas reúnem e integram sistemas ecológicos, territórios, pessoas etc. A capacidade integrativa das redes com os ambientes externos faz parte de uma nova interpretação dessa relação que subsiste apoiada na reunião de fundamentos distintos, mas que, de algum modo, interagem mutuamente numa associação.

A nova forma de olhar para o habitar conectivo, a partir da observação das estruturas das redes e das formas do ambiente externo, não podem mais corresponder à primeira acepção que os conceituava na lógica de um pensamento dualista e os concebia como duas realidades distintas e opostas (real x virtual). As novas interpretações consideram que não existe uma separação entre o mundo real e o virtual, pois todas as estruturas que integram e formam as redes conectivas não estão colocadas em uma dimensão desmaterializada. Mas sim, para que as redes e os ambientes conectivos subsistam, eles precisam estar, em menor ou maior grau, vinculados à terra e, portanto, ao ambiente, formando, assim, uma única relação. Dessa maneira, as conexões instantâneas funcionam porque estão vinculadas à existência de minerais, fibras ópticas, satélites e outros materiais que compõem e sustentam as redes em seu funcionamento.

O habitar conectivo torna-se uma realidade única que reúne diferentes elementos. E esses só podem ser compreendidos quando se leva em consideração a associação de cada um a partir da dinâmica da quadrinidade que se atualiza nessa nova relação com as redes. Nas palavras de Levy, “Usamos aqui o termo ‘interfaces’ para todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário. [...]” (LEVY, 2008, p.37). As “interfaces”, mencionadas por Levy, demonstram a interação direta das estruturas conectivas com as estruturas fornecidas pelo ambiente. E, com isso, o sentido do virtual, segundo a distinção filosófica, difere da separação do real. Menciona Levy: “[...] em filosofia o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. [...]” (LEVY, 2008, p. 47). Levy traz a acepção de virtual, segundo a definição filosófica, para ilustrar que na relação das redes conectivas o habitar externo está extrinsecamente ligado a elas, ou seja, não há oposição entre o existente e o inexistente, mas sim uma relação de atualidade, pois aquilo que não aparece materialmente pode vir à luz, pois já está contido na essência.

Além disso, defende-se uma mudança na própria composição das estruturas conectivas. Para Di Felice, elas não se limitam apenas a veiculação de informações, pois o seu alcance modificou a percepção das ecologias, ou seja, das formas de vida e de interação com o mundo. A mudança de composição faz parte dessa lógica que transforma os ambientes das redes em um novo habitar. A respeito dessa transformação do ambiente das redes, ele observa:

[...] A partir de tais considerações é necessário superar a interpretação exclusivamente informativa das redes digitais e interpretá-las como uma condição habitativa, expressão de um novo tipo de ecologia, não mais natural e não mais externa, capaz de instaurar uma própria forma comunicativa do habitar [...] (DI FELICE, 2017, p.224).

A concepção entra na perspectiva de compreender a estrutura das redes como um habitar que possui, nas suas formas reticulares, componentes da dimensão ecológica sendo transformados em dados. A ecologia reticular é um modo de pensar ecologicamente as redes, ou seja, sua capacidade de transformar o ambiente e as diversas interações a ele pertencentes, em dados. Corroborando para a conceituação de um habitar que passa a ser formado pelas interações conectivas numa relação de conjunto com o ambiente externo, Levy afirma que: “[...]. No centro das redes digitais, a informação certamente se encontra fisicamente situada em algum lugar, em determinado suporte, mas também está virtualmente presente em cada ponto da rede [...]” (LEVY, 2008, p.48). Essa concepção de conjunto, evidenciada nas pesquisas de cibercultura de Pierre Levy, demonstra que as arquiteturas das redes estão presentes e fazem parte de uma mesma realidade.

2.2 AS REDES DIGITAIS E A QUADRATURA HEIDEGGERIANA

Os espaços digitais ou as redes digitais, de modo geral, relacionam-se com essa mudança estrutural e ecológica por sua característica especial que corresponde ao próprio ato da dimensão do digital. Refletir sobre as formas ecológicas conectivas é pensar a respeito das conexões que deixam de ser, simplesmente, operadores sociais e comunicacionais para se transformarem em ambientes de múltiplas relações de todas as esferas da vida. Extensões das realidades originárias em ecologias informativas. A referência do habitar como redes conectivas que transformam as realidades físicas em ecologias digitais é fundamentada no conceito filosófico heideggeriano do *Geviert* (quadratura). Nesse conceito, Heidegger busca romper com as tradicionais linhas filosóficas que tinham na essência e na ontologia uma característica centrada no ser. A quadratura heideggeriana é uma alternativa de pensar numa “ontologia relacional” que agrega e reúne elementos que juntos formam o habitar.

Pensar as redes e conseqüentemente todas as mídias, com base nessa compreensão, é perceber que as realidades tanto ecológicas quanto técnicas e informacionais se integram em um único conjunto, como a exemplo do conceito da quadratura heideggeriana que reúne terra, céus, mortais e imortais pelo construir do habitar.

Pode-se compreender o ambiente da rede como verdadeiro e atual espaço de múltiplas interações onde se passou a habitar de modo integrador e comunicativo. E assim, as redes, os ambientes digitais, os seres vivos, as coisas etc., são associados e integrados formando uma espécie de rede ecológica digital. Elas constituem um novo jeito comunicativo que se amplia das estruturas originárias para as estruturas digitais em uma transformação que modifica e reintegra seres, tecnologias e coisas. Com isso, destaca-se a existência do novo habitar conectivo referenciado por relações que se organizam em uma dinâmica de integração. O próprio conceito de habitar, a partir da tese heideggeriana, compreende a formação desse habitar como ação que já está presente no interior do ser.

E assim, integra-se ao habitar as redes de conexões que se originam das relações desses elementos que Heidegger denominou de “elementos originários”, pois apresentam o ser em

relação com o mundo. Uma relação de coisificação que faz da coisa a unidade de integração e o resguardo da quadratura. “[...] Habitar, no pensamento da quadratura significa a relação que evidencia que o homem é pertencente a esta conexão inextrincável em virtude de guardar uma proximidade com o ser [...]” (TEIXEIRA, 2006, p.83). O novo habitar conectivo é fruto de uma atualização dessa reunião integradora, pois graças aos aparatos tecnológicos, as estruturas materiais e minerais, as redes conectivas passaram a modificar esse habitar transformando as associações, já existentes, em ambientes de realidades aumentadas. Além disso, o “[...] habitar propriamente significa corresponder como mortal à mútua pertença da quadratura, isto é, ser em sintonia com as essências da terra e do céu dos mortais e dos imortais [...]” (TEIXEIRA, 2006, p.84). Ou seja, o habitar conectivo pode ser entendido como realidade aumentada e interligada da mesma quadrinidade que dá forma ao habitar.

3 O LUGAR DA IGREJA NO NOVO HABITAR: A PEDAGOGIA DA CULTURA DO ENCONTRO

A perspectiva dos divinos, na quadratura, se inclui na dinâmica da integração quando se propõe o habitar como um novo habitar conectivo que reúne os seres, as tecnologias, e as coisas. O homem, nesse sentido, não está separado das estruturas das redes digitais e nem da dimensão da vivência do sagrado. Esse ser está completamente integrado no novo habitar comunicativo e em constante relação com o divino. No que concerne a vivência do sagrado em tempos de redes e conexões, a Igreja Católica, na pessoa do Papa Francisco, vem propondo um olhar diferenciado para essa dinâmica comunicativa que se dá nos espaços das redes. A Igreja busca firmar-se na linguagem e no tempo nos quais está inserida. E nesse sentido, alguns movimentos chamam a atenção quando a proposta é viver uma relação de integração e não de exclusão.

Desde os meados de 2014, o Papa Francisco vem insistindo em forjar na Igreja e na sociedade um conceito chamado de “cultura do encontro”. Esse conceito surge a partir do entendimento que a Igreja tem das relações de aproximação e de humanidade vivenciados principalmente nos ambientes da cultura das redes. Ambientes muitas vezes hostis e que segregam mais do que unem. E assim, pela “cultura do encontro”, a Igreja, como representante visível das formas do sagrado, busca incutir nos fiéis e nas demais pessoas um verdadeiro sentido de encontro e aproximação efetiva nesses ambientes de interação digitais. “[...] A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os mass media podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias [...]” (FRANCISCO, 2014). E dessa forma, viver de modo completo e coerente essa integração que propõe a reunião de todas as arquiteturas existentes.

Acerca do conceito de “cultura do encontro”, defendido pelo papa, é possível estabelecer as relações de proximidade com a quadratura heideggeriana. O Papa, na defesa de sua argumentação, insiste em uma nova maneira de compreender e olhar o mundo e principalmente as pessoas. E assim é possível refletir sobre a comunicação digital como ponte que integra um rio a partir das duas margens opostas. “Desde quando se tornou possível dispor da internet,

a Igreja tem sempre procurado que o seu uso sirva ao encontro e à solidariedade entre todos [...]” (FRANCISCO, 2019). O homem contemporâneo, como argumentado por Di Felice, não habita somente lugares físicos, ele habita as estruturas de “redes ecológicas digitais” em uma dimensão que modifica e integra o todo (DI FELICE, 2019).

Nesses ambientes estão as extensões da vida e das relações sociais do ser. Com isso, não há uma dicotomia que as separe e assim tudo é entendido como uma realidade aumentada. As interações humanas, ecológicas e técnicas já se encontram em espaços digitais, assim como Heidegger afirma que o ser determina o habitar habitando a religião, ou seja, os divinos não podem estar fora desse novo lócus. “[...] Não se pode imaginar a Igreja fora da sociedade em rede, uma vez que os cristãos são naturalmente absorvidos pelas demais redes às quais pertencem [...]” (ZANON, 2019, p.17). Além disso, Zanon afirma que a Igreja, como instituição secular, sempre soube adaptar-se aos tempos e assim inserir-se nele para difundir sua doutrina.

O debate acerca da compreensão da não instrumentalidade do aparato técnico por parte da instituição católica é apresentado por alguns autores como Helena Corazza e Joana Puntel que mencionam que por mais avanços que se tenham alcançado no entendimento do aparato técnico como um modo possível de evangelizar, a Igreja ainda tem muito que avançar na perspectiva da lógica do mundo digital, pois a visão, em parte, ainda é muito instrumental (CORAZZA; PUNTEL, 2019). Por outro lado, outro autor que reflete sobre o papel da Igreja e do sagrado no ambiente das redes é Moisés Sbardelotto. Para ele, a dimensão das formas do sagrado, em uníssona relação com os ambientes de rede, forma o que chama de “novo lócus” onde tanto a Igreja quanto os religiosos estão imersos nessa realidade que lhes proporciona uma nova experiência para a vivência do sagrado (SBARDELOTTO, 2018).

A reflexão mais recente advém da própria Igreja quando o Papa Francisco passa a propor e a refletir sobre a pedagogia da cultura do encontro. Nesse sentido, a visão da Igreja, na pessoa do Pontífice, concebe a realidade dos ambientes das redes como um modo, um “recurso”, que precisa “complementar” o verdadeiro encontro entre as pessoas e até mesmo fortalecer os laços de fraternidade e reciprocidade (FRANCISCO, 2019). A reflexão do Papa se apoia, principalmente, no estabelecimento de uma cultura de encontro e de diálogo que busca apresentar um novo método de ação e de evangelização. Isso porque ele observa que as redes e os aparatos digitais, por mais prodigiosos que sejam, passam a ser usados de modo distorcido, contribuindo assim, para o isolamento, o egocentrismo, distanciando as pessoas. O que Francisco afirma é que as redes devem ser utilizadas na perspectiva de criar pontes, fortalecer os laços e antecipar os encontros. O encontrar-se, o sentir-se e o entreolhar-se jamais poderão ser substituídos, pois a presença é essencial para que o verdadeiro encontro aconteça.

Para além dessa perspectiva, outra corrente de pensamento defende que o fenômeno religioso é uma expressão dos tempos de rede e configura-se como um novo lócus que associa as redes, o sagrado e o ser religioso. Assim, no âmbito geral “[...] o ambiente digital emerge como um novo lócus religioso e teológico. Formam-se novas modalidades de percepção, de

experiência e de expressão do ‘sagrado’ [...]” (SBARDELOTTO, 2018, p.72). A partir dessa perspectiva, a religiosidade, nas redes digitais, proporciona uma reestruturação e reintegração dos espaços interativos via internet. E desse modo, os divinos integram-se ao movimento do habitar que está constituído nas redes digitais. A fé e a crença na deidade, com suas estruturas originárias, passam a integrar as redes conectivas digitais.

4 ESTRUTURAS DIGITAIS E AS EXPERIÊNCIAS DE FÉ E COMUNICAÇÃO DA IGREJA

A nova lógica das redes digitais mudou radicalmente os ambientes e as relações interpessoais, que foram deslocados para dimensões interativas e conectivas. No que se refere à vivência da própria fé, essa lógica abrange aspectos que podem ir além das estruturas digitais. Nesse sentido, o conceito de uma “ciberteologia” possibilita a compreensão sobre a dinâmica das redes em consonância com o sagrado. “[...] É necessário considerar a ciberteologia como a inteligência da fé em tempos de rede, isto é, a reflexão sobre a ‘pensabilidade’ da fé à luz da lógica da rede [...]” (SPADARO, 2012, p.40). Desse modo, o entendimento da fé, na dinâmica das redes, é um esforço de sempre estar inserindo-a no movimento do habitar comunicacional, mas também, assinala um jeito muito próprio de compreensão do mundo tendo como referencial os espaços de interação digital, ou seja, todas as formas cognitivas de se apreender estão imersas nesse novo espaço.

O mundo, hoje, está constituído de relações horizontais e de inumeráveis nós que se espalham formando as redes conectivas que passaram a fazer parte da realidade social das pessoas. O novo status comunicacional contribuiu, segundo Zanon, para o soterramento dos tradicionais emissores da comunicação que antes tinham na estrutura vertical um esquema de atuação hierarquizado. “[...] Esses emissores precisam se recodificar para não desaparecerem, interagindo e buscando o seu espaço em meio a múltiplas ofertas e à diversidade de interesses [...]” (ZANON, 2019, p.24). Desse modo, Zanon menciona que a Igreja, como um desses emissores tradicionais, procura recodificar seu modo de comunicar.

Motivada a reestruturar o seu modo de difundir a mensagem e ampliar as estruturas comunicacionais, a Igreja procurou ir aonde as pessoas realmente estavam e com um gesto concreto “[...] o papa Bento XVI lançou um desafio para a Igreja Católica: estar presente nas redes sociais e compreender que a internet não é um simples instrumento, mas um lugar, um ambiente de interação social a ser habitado [...]” (LIMA, 2014, p.19). O desafio, do então Papa Bento XVI, referia-se à criação da primeira conta pontifícia do Papa no Twitter. O feito tornou Bento XVI o primeiro Pontífice a usar uma rede social, na internet, para estabelecer um contato mais próximo com as pessoas via rede de conexão. “[...] Atualmente a Igreja é desafiada a compreender a internet não como realidade separada do cotidiano, e sim como espaço antropológico interconectado, um ambiente sociocultural, que abriga elementos novos [...]” (LIMA, 2014, p.19). A Igreja percebeu a necessidade de inserir-se no mundo das redes. E compreender esse universo da internet não como simples instrumento, mas sim um lugar a ser habitado e que exige uma presença renovada e efetiva da Igreja.

Dessa maneira, ela deseja estar inserida nesse modo de integração que proporciona ao espaço e conseqüentemente aos espaços de redes um verdadeiro habitar comunicativo. Além disso, a Igreja tem a motivação de refletir sobre “[...] a comunicação não mais de forma restrita ou somente como ‘meios’ ou ‘instrumentos’ a serem usados [...]. Mas refere-se a um ‘ambiente’ na qual estamos imersos [...]” (PUNTEL, 2005, p.131). Ou seja, a partir das estruturas das redes digitais, compreendidas como novo ambiente de interação, o sagrado ganha uma perspectiva que ultrapassa a instrumentalidade técnica. Com isso, “[...] o desafio de habitar, estar na rede, torna-se pertinente à Igreja, no sentido de contribuir para o diálogo, enriquecimento e a construção cultural, ética e moral das relações humanas [...]” (LIMA, 2014, p.29). Habitar as redes, compreendendo-as como novo habitar, para a Igreja Católica, passa a fazer parte de um exercício de diálogo com diferentes culturas e perspectivas de pensamento, colaborando, assim, na formação ética e humana.

Ao analisar a relação e a sua interação no mundo digital, Zanon também menciona a relação da Igreja como instituição hierárquica e multissecular inserida em um ambiente que se diferencia totalmente do modo centralizado e hierárquico da instituição. A Igreja, por muitos séculos, constituiu-se como mediadora entre a divindade e os homens e a responsável por cristianizar as pessoas de seu tempo. Conhecimento, fé, cultura, moral e ética sempre tiveram na Igreja um referencial a ser seguido.

A nova realidade das redes de comunicação modifica o antigo modo de comunicar transformando as relações, as percepções e apresentando novos atores, difusores de conhecimento, que se organizam em estruturas horizontais. A Igreja, ao longo de sua história, adaptou-se aos tempos e às sociedades. E essa particularidade da instituição coloca-a com um diferencial em relação aos outros tradicionais polos de cultura e informação. Mencionando a dinâmica da horizontalidade das redes e a estrutura hierárquica da Igreja, Zanon declara que:

[...] Durante séculos, o poder das religiões, em especial da Igreja Católica, esteve concentrado no fato de dominar a informação, de concentrar o conhecimento e a autoridade hierárquica, tendo o sacerdote como único intermediário entre os fiéis e a divindade. Essa estrutura já foi contestada com a Reforma Protestante, mas é agora, na sociedade em rede, posta em xeque. [...] (ZANON, 2019, p.70).

A questão põe em evidência um dado histórico, ocorrido na Igreja, do processo de descentralização da instituição da sociedade como o único polo de conhecimento e cultura. A Reforma Protestante muito colaborou para que outras pessoas, não pertencentes ao clero, tivessem acesso ao conhecimento das Escrituras sem a mediação dos sacerdotes, pois o latim dava lugar à língua vernácula na interpretação dos compêndios sagrados. Nesse período, a Igreja passou a rever e reformular a sua própria postura diante da sociedade e dos movimentos que iam de encontro com o seu modo de difundir conhecimento. Nestes tempos de redes de conexão, observa-se que a instituição, mais uma vez, precisa encontrar métodos para se integrar nesse mundo digital marcado pela rapidez do processamento da

informação. Além disso, a instituição vem adaptando-se à dinâmica da horizontalidade que vem dando menos espaço para as antigas estruturas verticais e hierárquicas.

A essa perspectiva acrescenta-se que a Igreja deixou de ser a única fonte de referência. Com a multiplicidade de ofertas, a variedade de interesses e a dinâmica da horizontalidade das redes, a instituição sai do centro e junta-se aos demais nós que compõem as redes digitais. A Igreja, composta de uma hierarquia tradicional, vem desenvolvendo uma nova linguagem, um novo método de abordagem e uma nova reinterpretação de seu próprio modo de ação em vista desse novo habitat comunicacional em que a instituição está inserida, pois também faz parte dessa estrutura integradora reunida nas redes digitais.

A instituição católica, desde o evento do Concílio Vaticano II, ocorrido nos anos 60, voltou o seu olhar para os novos ambientes que estavam configurando o nascimento de uma nova sociedade. E para isso, a própria Igreja precisou ordenar uma resignificação de sua identidade carismática sem, contudo, perder de vista a missão de difusão de sua doutrina. “[...] O desafio é totalmente novo para a Igreja, pois a internet não é apenas uma tecnologia, é um ambiente de vida e o meio de comunicação e interação [...]” (ZANON, 2019, p.71). Compreender a internet como um novo habitat de comunicação e de vida é, de certo modo, assegurar-se de que esse ambiente multifacetado seja uma extensão da realidade material e que seu uso ultrapasse a dimensão instrumental, pois abriga um espaço onde as relações, os interesses e as expressões do divino tornam-se realidades aumentadas.

Nessa concepção de que os espaços interativos são, na verdade, realidades aumentadas, isto é, que não se separam dos ambientes externos, pois nessa dinâmica todas as experiências passam a estar reunidas e conectadas por ambientes de vida, constituem a realidade do novo habitat conectivo. Se esse habitat é capaz de reunir e integrar diferentes formas de vida e ambientes sem que esses percam suas características essenciais, a Igreja, como uma parcela dessa representatividade que integra o habitat conectivo, precisa, cada vez mais, encontrar maneiras de estar em sintonia com a dimensão integradora do habitat. E desse modo, reafirma o pensamento de que “[...]. Mais do que simplesmente usar, é preciso habitar a internet e suas redes digitais, que cada vez mais se tornam um espaço do homem, habitado por ele como um espaço de experiência cultural [...]” (LIMA, 2014, p.30). Dessa forma, habitar o ambiente, hoje, constituído por redes digitais, ultrapassa o sentido de uso e insere-se em um contexto existencial. Ou seja, espaço formado por estruturas, ambientes, pessoas e relações.

Além disso, os novos ares do Vaticano II propiciaram à instituição católica repensar a sua forma de atuação e com isso empreender ações de descentralização e certa renúncia das estruturas verticais. “[...] Através da colegialidade, a Igreja renuncia ao puro verticalismo e autoritarismo e propõe-se a ser comunhão, alteridade, comunidade antes de ser relação bilateral [...]” (ZANON, 2019, p.79). Em relação a isso, as reflexões e depois os documentos produzidos pelo Concílio, expressam o desejo dos Padres Conciliares de retomar aspectos das raízes do catolicismo e assim reafirmar a missão original da instituição. Em consonância com a nova forma de habitar os ambientes de interação, a Igreja vai adaptando sua linguagem e

seus métodos de abordagem e apresentação dos conteúdos de caráter doutrinal. Compreende que no mundo das redes tornou-se mais uma voz no meio de tantas outras. E nesse sentido, o desafio aumenta, pois se exige uma capacidade de se reinventar sem perder a originalidade que proporciona a identidade da Igreja. Mas, procurando tornar-se uma instituição que prioriza o diálogo e uma aproximação maior das realidades das pessoas.

Essas medidas de atuação, proporcionadas pelo Vaticano II, levaram a Igreja a caminhar em sintonia com os novos eventos da internet, das redes de comunicação instantânea etc. Nesse sentido, há um exercício de ser uma Igreja que conserva sua tradição e sua estrutura hierárquica, mas que se propõe a estar aberta aos eventos do século e assim inserir-se nesse novo habitar. “[...] Esse social midiático passa a ter um papel fundamental, tornando-se cenário de integração das temporalidades como também das realidades distintamente vividas [...]” (LIMA, 2014, p.30). O novo habitar conectivo tem a capacidade de integrar realidades sem distanciá-las das estruturas dos ambientes externos. E assim, seguindo esse itinerário, a Igreja tem se esforçado para ser uma instituição capaz de formar, nesse novo habitar comunicativo, uma interrelação entre o homem, a tecnologia, a ecologia e o sagrado.

O Papa Francisco, em uma de suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, enfatizava que a internet precisa ser um lugar onde as relações humanas acontecem, mas que não devem estar condicionadas apenas às redes, mas sim esse espaço de interação deve sempre propiciar e antecipar os encontros e os momentos celebrativos no ambiente externo. A concepção de Francisco para a internet pode ser entendida como aquele lugar de fortalecimento das relações sem que haja prejuízo para o encontro verdadeiro. De certo modo, o Papa não separa realidades, mas ao contrário as integra de modo que possam ser expressas em todas as dimensões da vida com suas realidades concretas. Como afirma Lima,

[...] Em tempos de redes sociais, a Igreja e os cristãos são chamados, pela presença e missão que desenvolvem, a reconhecer e ao mesmo tempo colaborar para que a rede se torne lugar de conexão significativa de pessoas, com a capacidade de construir relações de comunhão numa sociedade cada vez mais fragmentada [...] (LIMA, 2014, p.31).

Desse modo, a internet, entendida como espaço de relações, deve contribuir para o fortalecimento dos vínculos e constituir-se em local que antecipe os encontros presenciais. “A internet evoluiu de instrumento a ser utilizado para um ambiente cultural onde as pessoas habitam diariamente e que determina um modo de pensar, cria novos territórios, exigindo da Igreja um novo modo de [...] habitar o mundo. [...]” (LIMA, 2014, p.33). Pensar as redes de conexão, internet, a partir das formas do habitar é inseri-las como novo ambiente que ultrapassa a dimensão instrumental, pois elas reorganizam e reúnem uma diversidade de ideias, formas, espaços e pessoas que se conectam em uma realidade que não se separa, mas se estende dos ambientes externos às estruturas comunicativas das redes digitais. Para o Papa Francisco, essa relação entre ambientes de redes e pessoas deve sempre ser pensada à luz do estabelecimento de uma cultura do encontro.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, João Bosco. Geviert: o sentido do sagrado no pensamento de Heidegger. *Revista eletrônica do grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes*, São João Del-Rei: UFSJ, v. 3, n. 3 (jan./dez. 2007), p. 1-9.
- CORAZZA, Helena.; PUNTEL, Joana T. *Os papas da comunicação: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de; BRESSANI, Valdecir. O papa no Twitter e os desafios da atuação da Igreja junto às redes sociais digitais. *Interin*, Curitiba: UTP, v. 17, n. 1 (jan./jun. 2014), p. 19-35.
- DI FELICE, Massimo. *Net-ativismo: da ação social ao ato conectivo*. São Paulo: Paulus, 2017.
- FRAGOZO, Fernando Antonio Soares. Crítica da técnica, crítica da filosofia: Heidegger e Simondon. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: PUCPR, v. 24, n.35 (jul./dez. 2012), p. 509-528.
- FRANCISCO, Papa. Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII dia mundial das comunicações sociais. “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”, 01/06/2014 Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html Acesso em: 19 jun. 2022.
- FRANCISCO, Papa. Mensagem do Santo Padre Francisco para o LIII dia mundial das comunicações sociais. “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25). Das comunidades de redes sociais à comunidade humana”. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 19 jun. 2022.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SBARDELOTTO, Moisés. Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de mediação digital. *Revista de Comunicação da Fapcom*, São Paulo: Paulus, v. 2, n. 4 (jul./dez. 2018), p. 71-83.
- SPADARO, Antônio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo em tempos de rede*. Trad. Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2012.
- TEIXEIRA, Sônia Maria Platon. *A noção de habitar na ontologia de Heidegger: mundanidade e quadratura*. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2006.
- ZANON, Darlei. *Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia*. São Paulo: Paulus, 2018.